

ENTREVISTA/JOÃO COSER

'Fracasso do Governo comprometeu o PT'

NELSA AMARAL

Dizem que ele tem a manha dos bons políticos e que não carrega o "ranço" dos militantes de esquerda, o que explica seu bom relacionamento com os mais diferentes segmentos políticos e ideológicos. Natural de Santa Teresa e vindo de uma numerosa família, chefiada por um pequeno produtor rural, o deputado João Carlos Coser segue uma trajetória inversa à do partido, o PT, que no Estado viu seus espaços serem reduzidos. De comerciário, passou a sindicalista, presidindo o Sindicato dos Comerciários, e depois a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Foi deputado estadual e no primeiro mandato como federal destacou-se entre os demais integrantes da bancada capixaba, chegando à cobiçada função de relator-adjunto setorial do Orçamento da União. Conseguiu reeleger-se com mais do que o dobro da votação passada. Agora, mais preocupado com sua imagem e seu marketing pessoal, "mas sem deixar de ser combativo", como garante, Coser é considerado hoje a maior liderança do PT no Estado, credenciando-se como o principal nome para disputar a Prefeitura de Vitória em 2002. A estrela, ainda que solitária, sobe.

A GAZETA - O senhor reeleveu-se deputado federal com 48.603 votos, por uma frente de esquerda que não obteve êxito nas urnas e representando um partido, o PT, que sofre um grande desgaste no Estado. Obteve mais do que o dobro da votação anterior, em 1994, que foi de 21.635 votos. Poder-se-ia dizer que o senhor vive seu melhor momento político?

JOÃO COSER - Na minha vida pessoal e política, vivo um momento especial sim. Saio de um processo onde todas as análises políticas me consideravam um deputado com dificuldade de reeleger-se. No dia das eleições, saiu uma reportagem, é verdade que não em A GAZETA, onde dava a minha derrota porque a nossa frente não conseguiria legenda. Conseguir uma votação 126% superior à primeira realmente não é comum. Parte disso eu devo ao

- Essa sua característica, de evitar o confronto pessoal, também ajudou sua atuação em Brasília, já que não teve dificuldades para fazer parte de importantes comissões...

- Quando fui eleito, escolhi três comissões para trabalhar, todas com perfil especial. A primeira foi a Comissão de Transportes, levando em consideração a realidade do Espírito Santo, principalmente a atividade portuária, o potencial exportador e também pelo meu relacionamento com o Sindicato da Orla Portuária. A segunda foi a de Agricultura, em função da minha origem, de filho de pequeno produtor, e porque tive apoio de muitos sindicatos de trabalhadores rurais e do Movimento dos Sem-Terra. E a terceira, mais importante, foi a de Orçamento. E escolhi essa porque o Governo era do PT e eu me sentia na responsabilidade de



Helô Sant'Ana

(risos) Sim. Realmente, acho que foi uma grande conquista obter esse reconhecimento. Foi uma conquista porque, no primeiro ano do Governo, os compromissos assumidos por Vitor junto à bancada não foram cumpridos e ela se sentiu traída. Apresentei uma proposta alternativa, que era

só fazer oposição, só bater. Seria uma espécie de fiscal de tudo e de todos. Do prefeito ao presidente da República. Eu faço isso. Inclusive, uma das minhas ações na Comissão de Orçamento é fiscalizar. Mas a equipe que trabalha comigo concluiu que só a fiscalização era muito pouco para

uma caixa de som e uma bolsa de couro pendurada de lado. Era uma coisa horrível. Era outro momento. Hoje, aquilo não teria o menor sentido. Mas ainda sou um homem simples. Consegui concluir meu curso de Direito durante o mandato. A sociedade cobra muito isso, mas eu também senti na

Tenho uma preocupação de que, em função das eleições, das disputas internas, sobretudo no PSDB, e dos interesses políticos futuros, isso pode não acontecer. Temos que ter consciência de que, além da disputar o Governo e as prefeituras, temos que recuperar o Estado. Se isso for superior às em

na reportagem, é verdade que não em A GAZETA, onde dava a minha derrota porque a nossa frente não conseguiria legenda. Conseguir uma votação 126% superior à primeira realmente não é comum. Parte disso eu devo ao meu trabalho, à capacidade de relacionar-me internamente com todas as forças do PT e, principalmente, com a base social, que vai além da base social do PT. Minha campanha conseguiu envolver pequenos e microempresários e outras pessoas que não são ligadas ao PT. Tive também uma presença maior na Universidade e no setor da classe média.

- Observando seu mapa eleitoral, nota-se que o senhor registrou um crescimento na Grande Vitória e obteve votos em todos os municípios capixabas...

- Foi uma campanha da solidariedade, porque não havia muitos recursos. Não imaginava que contaria com tantos apoios. Uma vez, estive almoçando na CST (Companhia Siderúrgica de Tubarão) e um engenheiro chegou para contar que estava reunindo um grupo de pessoas para fazer boca de urna para mim. Eu não conhecia nenhum deles. É claro que a militância ajudou, mas

teve esse fator novo e aí houve um crescimento natural. O fracasso do Governo Vitor Buaiz comprometeu profundamente o desempenho nosso e do partido, no Estado.

- Até que ponto o desgaste do Governo Vitor Buaiz (PV) afetou sua candidatura?

- Talvez me afetou menos, quem sabe teria uma votação maior ainda? Mas acho que afetou menos porque consegui, com o meu trabalho em Brasília, me relacionar naturalmente com outras instituições, como as prefeituras e os órgãos do Governo federal e sem nenhuma dependência com o Governo do Estado. Minha campanha não teve nenhum vínculo com o Governo Vitor Buaiz e nenhum favor obtido de pessoa vinculada a ele. Consegui fazer um trabalho de crítica às políticas do Governo do Estado, mas não entrei no confronto pessoal com o governador ou sua equipe.

tor, e porque tive apoio de muitos sindicatos de trabalhadores rurais e do Movimento dos Sem-Terra. E a terceira, mais importante, foi a de Orçamento. E escolhi essa porque o Governo era do PT e eu me sentia na responsabilidade de viabilizar recursos para o Estado. Me dei conta de que havia um vazão muito grande. Descobri que tínhamos obras paradas há dez anos, como a Ponte de Colatina, por falta de gente na Comissão para se dedicar a isso. E conseguimos colocar, com o apoio dos demais da bancada, recursos e reiniciar a obra, que deve ser concluída no ano que vem. Conseguimos aumentar a participação do Estado de menos de R\$ 60 milhões no primeiro ano para R\$ 168 milhões para 1998.

- O senhor não sofreu dificuldades por ser o único da bancada capixaba com perfil de esquerda?

- Por parte dos deputados e senadores, tive um trânsito facilitado em função da relação do dia a dia, da amizade, do trabalho pessoal e da minha própria postura política, de fazer críticas às políticas do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e às daqui do Estado, mas sempre evi-

'O FRACASSO DO GOVERNO PREJUDICOU PROFUNDAMENTE O DESEMPENHO NOSSO E DO NOSSO PARTIDO NO ESTADO. MINHA CAMPANHA NÃO TEVE NENHUM VÍNCULO COM VITOR E NENHUM FAVOR OBTIDO DE PESSOA VINCULADA A ELE'

tando agredir as pessoas. Era de certa forma respeitado e reconhecido por isso, mas tive todo tipo de dificuldades. No Palácio do Planalto, os deputados da oposição não têm nenhum acesso aos ministros ou onde se libera dinheiro. Não sou de ir aos ministérios liberar recursos, fazer lobby. Nosso trabalho foi todo dentro do Congresso.

- Sua origem como comerciante, acostumado por dez anos a lidar com pessoas de perfis e temperamentos diferentes, ajudou-o a ter esse bom trânsito no Congresso e o respeito até da direita?

ter esse respeito. Foi uma conquista porque, no primeiro ano do Governo, os compromissos assumidos por Vitor junto à bancada não foram cumpridos e ela se sentiu traída. Apresentei uma proposta alternativa, que era fazer um trabalho com os prefeitos e com os órgãos do Governo federal, que foi um sucesso no ano seguinte. Conseguimos trazer muitos recursos para os municípios, através do DNER e da Fundação Nacional de Saúde. Naquele momento, tive sorte e felicidade de apresentar aquela proposta, de fazer as emendas coletivas e depois os deputados indicarem os municípios a serem atingidos. Foi a primeira vez que aconteceu isso, porque lá a bancada trabalhava sempre individualmente. E desse jeito, na minha avaliação, nós não temos a menor chance de sucesso, que só se consegue com trabalho coletivo. A bancada entendeu isso e acabou me dando um crédito para coordenar esse trabalho. Isso foi muito gratificante e importante, porque fui escolhido relator-adjunto na Comissão, onde, por dois anos, atuo como relator setorial (são sete setores) do Orçamento da União.

- Mudou o Coser de 16 anos atrás, que ia para a porta das lojas e enfrentava a Polícia, ou mudaram as circunstâncias?

- Falam comigo que quem me conheceu como presidente do Sindicato dos Comerciantes, nessa época, não me reconhece hoje. Acredito que eu cresci, aprendi convivendo com pessoas com mais experiência e adquiri a capacidade de relacionar-me com pessoas diferentes, que pensam diferente, e respeitar a posição delas, ainda que vá criticar essa posição. Não voto, e não votei nos quatro anos, junto com nenhum deputado do PSDB e do PFL. Todos meus votos foram contra o presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e contra a orientação do senador Elcio Alvares (PFL) ou do senador José Ignácio Ferreira (PSDB). Mas, minutos depois, vamos para uma reunião, sentamos e discutimos as coisas do Espírito Santo sem problemas. Essa facilidade de relacionar-se também com os adversários. Tivemos alguns embates na campanha eleitoral, mas com nível de respeito muito grande.

- Essa sua característica não lhe causa problemas no PT?

- Quando fui eleito deputado federal, existia um grupo interno que achava que minha tarefa era

de prefeito ao presidente da República. Eu faço isso. Inclusive, uma das minhas ações na Comissão de Orçamento é fiscalizar. Mas a equipe que trabalha comigo concluiu que só a fiscalização era muito pouco para um deputado federal e que a população esperava mais do que isso. Mas essa minha característica de me relacionar bem com todos me traz problemas em tese. Alguns colegas do partido me reprimam por isso, ainda hoje. Os deputados estaduais do partido, por exemplo, achavam que eu devia ser mais duro na relação com o Governo do Estado; militantes, às vezes, acham que uso uma linguagem muito leve para determinadas críticas. Mas tenho a impressão que estou no caminho certo e com a consciência tranquila de que nas votações importantes estou votando com o meu partido.

- Em outras palavras, o seu lado de militante combatido ficou mais comedido, mas não deixado de lado...

- Muito pelo contrário. Tenho consciência de que fui eleito deputado por um setor da sociedade que quer um Estado que atua com o perfil de oposição a FHC, de fiscalizador, mas que, ao mesmo tempo, que tenha propostas e que defenda o Estado e o cidadão. Não deixei a garra de lado. Fizemos uma vigília de cinco dias na Câmara dos Deputados contra a prisão da esposa do José Rainha (Deolinda) e outros cinco membros do Movimento dos Sem-Terra (MST). Passamos cinco dias direto na Câmara. Isso foi inédito.

- Mas o senhor modernizou-se, além das relações políticas. Nas últimas eleições, por exemplo, houve uma preocupação com sua imagem, com fotos produzidas em estúdio e melhor acabamento no material de campanha. O idealismo está dando vez ao marketing político?

- A vida vai ensinando a gente. Quando fui candidato (a deputado estadual) pela primeira vez, minha foto de campanha era em cima de um caminhão. Atrás tinha

coisa horrível. Era outro momento. Hoje, aquilo não teria o menor sentido. Mas ainda sou um homem simples. Consegui concluir meu curso de Direito durante o mandato. A sociedade cobra muito isso, mas eu também senti necessidade de fazer o curso. Trabalho com leis, mexo cotidianamente com a vida das pessoas e tenho que ter noção do Direito.

Mas achamos que era também fundamental cuidar da imagem. As pessoas cobram isso. Elas querem que seus representantes se apresentem bem, mas a minha preocupação maior é outra. Num dia, por exemplo, vou de manhã cedo num assentamento dos Sem-Terra e à noite, num jantar com exportadores. E vou com maior naturalidade e me sinto à vontade nos dois ambientes. Mas tenho muita consciência do meu papel e do que eu represento lá no Congresso. Tive a capacidade de perceber que é possível conhecer o que enfrenta o sem-terra, o servidor público, o pequeno trabalhador que fez greve, mas também conhecer a situação das empresas, principalmente das micro e pequenas empresas.

- Qual a sua perspectiva de atuar com a nova bancada federal, renovada em 50%?

- Particularmente otimista com a nova composição da bancada, que incorpora pessoas com experiências importantes, como o ex-governador Max Mauro (deputado federal eleito pelo PTB), o ex-prefeito Paulo Hartung (senador eleito pelo PSDB), políticos co-

'FALAM QUE QUEM ME CONHECEU PRESIDENTE DO SINDICATO DE COMERCIÁRIOS NÃO ME RECONHECE HOJE. CRESCI, APRENDI COM GENTE DE MAIS EXPERIÊNCIA A RESPEITAR A POSIÇÃO DELAS SEM DEIXAR DE CRITICÁ-LAS'

mo Ricardo Ferraço (PSDB), que presidiu a Assembléia Legislativa e José Carlos Fonseca Júnior (PFL), que é diplomata. Se conseguirmos fazer um trabalho coletivo e que o Estado seja o alvo principal, tenho a impressão que poderemos obter sucesso.

disputas internas, sobretudo no PSDB, e dos interesses políticos futuros, isso pode não acontecer. Temos que ter consciência de que, além da disputar o Governo e as prefeituras, temos que recuperar o Estado. Se isso for superior às ambições e caprichos pessoais, acredito que a bancada terá um bom desempenho. Então vejo duas qualidades, a experiência acumulada e o fato de incluir políticos aguerridos. A presença de Max, por exemplo, é muito positiva, porque acreditamos que ele terá o mesmo rigor e ética com que tem pautado sua vida.

- O senhor se sente isolado atualmente?

- Me sinto bastante isolado. Não se trata da questão de votos. Normalmente, 50% da bancada votavam contra FHC, mas o voto é um detalhe. A ação política era sempre de subordinação ao Governo federal. Nós precisamos de gente que faça mais cobranças, mais rigor na liberação de recursos e tratamento igual para os Estados, na fiscalização para não permitir corrupção com o uso de verba federal. Para isso, tenho poucos aliados e espero que nova bancada possa contruibuir mais para isso.

- Deputado, hoje o senhor é considerado a maior liderança do PT capixaba e sua votação o credencia a disputar a Prefeitura de Vitória nas eleições de 2000. O senhor pretende repetir a experiência depois da derrota de 1992?

- Fui candidato em outras circunstâncias. É verdade que essa votação me deu uma condição especial. Só não fui mais votado em Vitória do que a deputada Rita Camata (PMDB). Ela teve 13 votos a mais do que eu, exatamente 13, o meu número. Minha votação cresceu em regiões significativas e onde, no passado, eu tive poucos votos, mas não quero entrar em conflitos. Vou colocar meu nome naturalmente para a avaliação do partido. Tenho essa disposição, mas tenho a consciência que nós temos que fazer uma frente ampla para que a gente possa disputar com chances de vitória, não só na Capital como em outros municípios. Mas tenho outra tarefa antes, que é a reorganização do PT e do bloco de esquerda. Acredito que minha principal missão no Estado é essa. Vou desempenhar essa tarefa com vigor, para elegermos maior número de prefeitos, até porque será um preparo de campo para disputar o Governo do Estado em 2002.